



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

Comunicação e Ciência: definição de Meio como elemento para distinção do domínio¹

Amanda Luiza dos Santos PEREIRA²

André Rosa de OLIVEIRA³

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Quais são as teorias que sustentam cientificamente a Comunicação? Quais são os parâmetros que incluem (ou excluem) uma Teoria no domínio da Comunicação? De que forma uma Teoria da Comunicação é explicada "Meio de Comunicação"? Este trabalho pretende apontar direções a partir do exercício de articulação conceitual baseada em procedimentos específicos que pautaram o desenvolvimento da Ciência. Tomando como base uma discussão sobre uma possível definição do termo "meios de comunicação", o texto demonstra a importância de consistência conceitual a partir de uma análise amostral levando em conta alguns estudos e pesquisas em Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; ciência; epistemologia; meios de comunicação.

Introdução

Qual o tamanho de um conceito? Quanto cabe em uma definição, e qual a sua extensão? No processo cognitivo que envolve a compreensão do mundo e sua abstração simbólica por meio de termos construídos pela linguagem, a sistematização científica se transformou em um processo capaz de enriquecer a tradição filosófica em encontrar a "natureza das coisas" ou mesmo a tradição linguística, que aproxima a proposta de um conceito ao que está registrado em dicionários.

A complexidade destes questionamentos aumenta diante das questões envolvendo Comunicação, inserida no contexto das Ciências Sociais Aplicadas. Ao sugerir a relação entre a área e as Ciências Cognitivas, Lima Júnior (2013) sugere o fortalecimento da Comunicação com outros corpos de conhecimento científico, fazendo conexões possíveis em áreas correlatas e encontrar sustentações teóricas capazes de compor com o sistema da ciência moderna. Ao mesmo tempo, Girardi Júnior (2009) identifica um frequente apoio em metáforas, como o uso do termo ""conversação" para designar, de forma simplificada, a dinâmica das trocas simbólicas em rede, ignorando "jogos de linguagem complexos a partir de relações simétricas e assimétricas entre os

¹ Trabalho apresentado no **GT 3** : Comunicação, Filosofia da Tecnologia e Filosofia da Mente, evento componente do II Encontro Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESP, e-mail: amanda.luiza@gmail.com

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESP, e-mail: andrerosa.jor@gmail.com



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

interlocutores" e "adquirida com o tempo em complexos processos de socialização em meio a dispositivos socio-históricos particulares".

É nesse contexto que este trabalho se insere, procurando reforçar a aproximação da Comunicação com o pensamento científico e, conseqüentemente, posicionar-se de forma relevante em discussões desenvolvidas no contexto do Princípio da Interdisciplinaridade:

Dada qualquer disciplina científica, existe uma **interdisciplinaridade** que a liga a outra disciplina científica. Esta máxima metodológica convida a ultrapassar fronteiras disciplinares. É fértil, muito embora irrefutável. Ao mesmo tempo, ajuda a discriminar a ciência da **pseudociência**, a qual, tipicamente, fica isolada (BUNGE, 2006, p. 296, grifo do autor).

A primeira parte do texto deixa evidente o viés da Filosofia da Ciência que orienta toda a reflexão, bem como aponta para as inquietações mais amplas que motivaram a elaboração deste artigo. Em seguida, são apresentadas as justificativas da opção aqui presente de se debruçar sobre o conceito de Meio de Comunicação. Por fim, o trabalho evidencia a necessidade por uma amarração epistemológica ao apresentar uma observação inicial diante de uma amostra pinçada a partir de uma seleção de estudos e pesquisas em Comunicação.

Pertinência do Problema e Teorias em Comunicação

[...] o conhecimento não começa com percepções ou observações ou com a recopilação de dados ou de fatos, senão com *problemas*. Não há conhecimento sem problemas – mas tampouco há problema sem conhecimento. Quer dizer que este começa com a tensão entre saber e não saber, entre conhecimento e ignorância: nenhum problema sem conhecimento – nenhum problema sem ignorância. Porque todo problema surge do descobrimento de que algo não está na ordem do nosso saber atual, ou logicamente considerado na descoberta de uma contradição interna entre o nosso suposto conhecimento e os supostos fatos (POPPER, 1973, p. 102, grifo do autor, tradução nossa).

A citação de Popper (1973) é uma explicitação de que há aqui o viés do realismo e, mais especificamente, do racionalismo crítico. Isso implica na preferência por aspectos endógenos porque: (1) tratar questões extralógicas e endógenas da Ciência em um mesmo espaço deslocaria o centro da abordagem pretendida, bem como não seria exequível de modo satisfatório neste espaço; (2) ainda que aspectos extralógicos sejam pertinentes, a remissão ao viés formal e racional necessária a qualquer debate sugere que os elementos endógenos precisam ser trazidos à superfície já de início; (3) apesar da importância do debate sob o viés sociológico e histórico, além da influência política e



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

econômica, considera-se como premissa um grau mínimo de independência ao desenvolvimento do conhecimento científico.

À luz do racionalismo crítico, a Ciência não é uma área de certeza, mas de inquietações e dúvidas, cujas possíveis respostas devem ser submetidas a procedimentos específicos com o objetivo de aprimorar a aproximação com os fenômenos⁴. Por essa razão o processo de desenvolvimento da Ciência é o contorno de suas características e, por conseguinte, a distinção de produção científica e não científica é fundamental.

Um conhecimento não pode ser apontado como científico pela sua institucionalização ou pela formação de um grupo em torno de práticas similares, mas pela sua peculiaridade frente ao que é produzido a partir de outros conhecimentos férteis (como, por exemplo, da Filosofia) e inférteis (especialmente pseudociências). Por conseguinte, demanda juízos sobre o que se apresenta como Ciência e estabelecimento de critérios avaliativos endógenos, buscando-se o melhor sentido para o exercício científico e não apenas uma descrição das práticas. Dito de outra forma:

A pseudociência difere da ciência errônea. A ciência prospera com seus erros, eliminando-os um a um. Conclusões falsas são tiradas todo o tempo, mas elas constituem tentativas. As hipóteses são formuladas de modo a poderem ser refutadas. Uma sequência de hipóteses alternativas é confrontada com os experimentos e a observação. A ciência tateia e cambaleia em busca de melhor compreensão. Alguns sentimentos de propriedade individual são certamente ofendidos quando uma hipótese científica não é aprovada, mas essas refutações são reconhecidas como centrais para o empreendimento científico.

A pseudociência é exatamente o oposto. As hipóteses são formuladas de modo a se tornar invulneráveis a qualquer experimento que ofereça uma perspectiva de refutação, para que em princípio não possam ser invalidadas. Os profissionais são defensivos e cautelosos. Faz-se oposição ao escrutínio cético. Quando a hipótese pseudocientífica não consegue entusiasmar os cientistas, deduz-se que há conspirações para eliminá-la (SAGAN, 1996, p. 28).

Além de destacar a demarcação científica é preciso insistir que a preocupação com os procedimentos aplicados às hipóteses não suprime a constatação de que toda investigação científica, necessariamente, inicia-se em um Problema de pesquisa orientado por teorias. Nesse sentido, as observações só levarão à construção de um problema se contradizerem possibilidades anteriormente supostas (e, portanto, também oriundas da abstração).

Dessa forma, a teorização é aqui fundamental, uma vez que materializa não apenas um domínio científico, mas as problemáticas e explicações pertinentes: “[...] uma especialidade científica – como é chamada – é apenas um conglomerado delimitado e construído de problemas e ensaios de solução. O que realmente existe, no entanto, são os problemas e as tradições científicas” (POPPER, 1973, p. 106, tradução nossa).

⁴ Trata-se de proximidade porque, tendo como pressuposto a falibilidade humana, a compreensão total acerca dos objetos empíricos é inviabilizada.



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

Se a teorização é primordial para a distinção de um determinado domínio de outros, tanto científicos quanto não científicos, então indagações acerca da cientificidade e da pertinência de Teorias são inevitáveis. E, no caso da Comunicação, a pergunta básica é Quais são suas Teorias?

Independente da abordagem adotada ser a frequência da Teoria, sua relevância em determinado período histórico ou a prevalência regional, os estudos que se propõem a responder tal questão apontam para a dispersão teórica como característica consensual: tomando como exemplo o caso da produção espanhola, Luiz Claudio Martino (2008) apontou que, em livros voltados às Teorias da Comunicação, apenas 2% das diversas teorias coincidem considerando esclarecimentos de mais de um parágrafo, constituindo-se 72 teorias diferentes em nove livros.

Em um dos trabalhos mais referenciados e permanentemente contestados, Craig (1999) propõe a constituição de uma teoria da Comunicação a partir da relação entre problemas práticos e reflexões diversas. A partir desta visão, identificou sete tradições capazes de construir um campo: retórica, semiótica, fenomenológica, cibernética, sociocultural, teorias crítica e social. Um dos estudos mais enfáticos acerca do assunto (BRYANT; MIRON, 2004) foi além: abarcou 25% do conteúdo de três⁵ importantes periódicos da área da Comunicação, com o objetivo de: (1) identificar modelos e teorias da área, (2) localizar domínios e sub-domínios que fundamentaram tais modelos e teorias, (3) identificar o sentido do uso das teorias em diversos estudos que compuseram o *corpus* de análise, que incluiu uma amostra de cerca de 1.800 artigos.

Os autores identificaram 604 diferentes teorias/vertentes de Comunicação, observando que uma parte substancial dos trabalhos mencionou⁶ de 10 a 15 teorias, dentro das quais um número elevado não é, propriamente, comunicacional⁷. Fica evidente que avaliar a pertinência de um trabalho em Comunicação e do problema de pesquisa, pressupõe o exercício de articulação teórica anterior que, em larga medida, constituirá a pertinência da investigação. Entretanto, o obstáculo para a reflexão sobre a pertinência não pode ser ignorado: se não se responde às questões “Quais são as Teorias da Comunicação?” “Quais são os parâmetros que incluem (ou excluem) uma Teoria no domínio da Comunicação?” e, finalmente, “O que é uma Teoria da Comunicação?”, ela não pode ser estabelecida por critérios estritamente teórico-metodológicos ou epistemológicos. Rüdiger (2014), por exemplo, não considera tais critérios mais fundamentais que do que a formação da comunidade acadêmica:

[...] As teorias da comunicação que dispomos não procedem à sistematização da área, no sentido de fazer convergir suas teses e proposições. A pergunta que se deve fazer, porém, é: por que deveriam? O raciocínio precede como se a sistematização, no sentido da confecção de uma “teoria geral” ou da explicitação de um “princípio unitário” fosse não apenas desejável e possível,

⁵ *Journalism & Mass Communication Quarterly*, *Journal of Communication* e *Journal of Broadcasting & Electronic Media*. Os três publicados trimestralmente.

⁶ A maior parte dos casos implicou mera menção e não aprofundamento das teorias citadas.

⁷ Há uma grande ênfase na psicologia e na transdisciplinaridade. Quanto a segunda, serão esclarecidas neste texto as razões pelas quais se trata de um conceito, tomado inicialmente como a interdisciplinaridade, insuficiente.



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

mas indispensável à sobrevivência acadêmica e intelectual dos estudos de mídia. O fato, no entanto, é que não é assim: o campo acadêmico da comunicação surgiu e vem prosperando à revelia dessa exigência, que pode interessar e ser esperada pela filosofia da ciência, mas não é necessária para ajuizar os resultados de suas pesquisas e, mesmo, manter uma comunidade acadêmica. A reflexão epistemológica até pode influenciar nesse sentido, mas seria subordiná-la a um viés doutrinário, eventualmente dogmático, pretender que esse é seu direito e, portanto, é essa sua tarefa [...] (RÜDIGER, 2014, p. 405).

Se é verdade que os resultados das pesquisas são um índice adequado em relação a prosperidade de determinado domínio, o mesmo não se pode dizer a respeito da formação da comunidade acadêmica. Isso porque, entende-se que ao se atribuir a pertinência das investigações à constituição do campo (necessariamente interdisciplinar), incorre-se no erro de tratar a Comunicação como temática:

Além do absurdo lógico de que o espaço de encontro é o vácuo, o que não fica explicado nessa perspectiva é por que, de repente, há um tema que se torna de interesse tão generalizado e com tal acuidade que não consegue mais efetivamente caber nos espaços de cada campo particular ou de algumas interfaces bem construídas. Note-se que outros temas ocupam igualmente o interesse de várias disciplinas – por exemplo – a violência, o trabalho, o sexo, o discurso, a tomada de decisões. Em várias disciplinas, esses temas surgem e simplesmente se encaixam na ordem de preocupações dominantes de cada campo, aí bem integradas. Ou seja, ainda que transversais a vários campos, estes diversos temas são facilmente subsumidos ao ângulo de interesse de cada disciplina. No diálogo entre uma disciplina e outra, são essas angulações específicas que são cotejadas para ampliar o enfoque (BRAGA, 2011, p. 63-64).

Dessa forma, o que se observa em Braga (2011) e em outros autores como, por exemplo, Martino (diversos textos) e Marcondes Filho (2011), não é a demanda por uma teoria única, mas bases para a racionalização de discussão conceitual e parâmetros de avaliação metodológica, se é que se pretende o exercício científico no domínio da Comunicação. Marcondes Filho (2011) entende que a demasiada amplitude das abordagens (tomadas como um conjunto) é também provocada pelo descompromisso epistemológico e ontológico com a comunicação:

[...] Todos falavam de comunicação e ninguém se debruçava sobre a comunicação. Adorno e Horkheimer demonizavam a cultura *pop* porque esta elevava o *kitsch* à estatura da *grande arte*; McLuhan intrigava-se com os equipamentos técnicos prolongando nossos próprios órgãos e membros; Eco empobrecia a discussão reduzindo-a a um embate de extremos: ou cedemos aos apocalípticos ou nos integramos. Nem os mais recentes críticos da cultura técnica – Flusser, Deleuze, Baudrillard, Kamper –, nem os comentadores cautelosos da era digital, em suma, ninguém se pergunta o que é, em última análise, comunicação (MARCONDES FILHO, 2011, p. 170).

Insiste-se na superação da negação de orientações epistemológicas e ontológicas mínimas, visto que “esta postura, talvez válida em um ângulo filosófico, não deixa



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

entretanto margem para uma pesquisa que se pretenda identificável. A comunicação, espalhando-se como objeto por todas as áreas, estando em todas as pautas, não está em nenhum lugar” (BRAGA, 2011, p. 65).

Justificativas epistemológicas da ênfase em “Meios”

O debate aqui proposto está vinculado à questão do lugar da epistemologia na Comunicação, sem desconsiderar a relação que esta mantém com discussões sobre teoria e metodologia.

Tendo isso em vista, foram buscados trabalhos em âmbito nacional que possuem a mesma centralização, delimitados também pelo período entre janeiro de 2010 e abril de 2015⁸, em espaços espaços/critérios que incluem anais do Intercom (especificamente os textos do grupo *Teorias da Comunicação*); anais da Compós (estritamente textos do grupo *Epistemologia da Comunicação*) e textos publicados em periódicos classificados entre A1 e B2 com clara contribuição ao debate epistemológico e sua relação com aspectos teóricos e metodológicos⁹.

Considerando o contexto delineado no item anterior deste texto e acentuando as soluções propostas¹⁰, inicia-se com Braga (2011), para quem uma saída possível é viabilizada pela posição segundo a qual:

[...] o objeto da Comunicação é toda e qualquer “conversação” do espaço social. Ou melhor: o que há de propriamente “conversacional” e de troca (simbólica e de práticas interativas) nas diversas instâncias e situações da vida social. Em contraposição a esta visão da comunicação generalizada (mas ainda com ênfase nos processos comunicacionais – de trocas simbólicas e práticas, portanto) uma preferência mais circunscrita, enfocando apenas o que ocorre nos “meios de comunicação social” (MCS ou mídia) (BRAGA, 2011, p. 65).

No artigo *A disciplinarização da Epistemologia no ensino da(s) Teoria(s) da Comunicação*, Luis Mauro de Sá Martino (2013) aponta para duas possibilidades mais relevantes: a Comunicação a partir de meios ou de processos. Entretanto, em ambos os casos são necessários esclarecimentos sobre os meios de comunicação, ainda que seja para refutar sua centralidade.

⁸ Como os resultados aqui demonstrados são parciais e este é um estudo que será desenvolvido até 2016, os textos selecionados a partir de maio de 2015 ainda não tiveram a análise concluída.

⁹ A saber: o lugar do debate epistemológico na Comunicação, que intrinsecamente inclui a insuficiência da noção de interdisciplinaridade atrelada à perspectiva de campo; questões ontológicas, bem como aspectos metodológicos de demarcação científica da Comunicação.

¹⁰ É notável que, embora o número de artigos que se debruçam sobre o mesmo debate venha aumentando, a maior parte das discussões não aponta claramente para uma solução. As saídas mais frequentes implicam na defesa da interdisciplinaridade nos termos aqui criticados e melhor detalhados em Martino e Boaventura (2013). Em função disso, o texto de Rüdiger (2014) foi incluído como exemplo de tais saídas porque abarca os mesmos argumentos de outros autores com a mesma posição e, principalmente, se propõe a debater diretamente com perspectivas mais próximas a deste artigo.



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

A centralidade dos meios de comunicação é a posição evidente nos diversos textos de Luiz Cláudio Martino, somada aos diferentes argumentos de caráter epistemológico que utiliza para justificá-la. A crítica direta à posição de Martino está no texto de Francisco Rüdiger (2014), *Epistemologia “da” Comunicação: elementos para a crítica de uma fantasia acadêmica*, no qual explica que:

O presente artigo agencia estas interrogações e se origina do ceticismo em relação aos movimentos acadêmicos que, reivindicando uma causa sem examinar seus pressupostos, desejam fundar uma autoridade intelectual propagando uma crença e recrutando seguidores, seja para conquistar vantagens materiais e administrativas, seja para satisfazer fantasias de poder em um mundo dominado pela vontade de possuí-lo. A legitimação acadêmica e reconhecimento institucional não bastam para conferir autonomia epistemológica a um saber e, por isso, relativamente à matéria, só mantém o espírito livre quem evita confundir prática política institucional e voluntarismo epistemológico com justificativa intelectual e filosófica (RÜDIGER, 2014, p. 398).

Embora a primeira justificativa para sua refutação da Epistemologia da Comunicação seja baseada na questão da “luta pelo poder”, Rüdiger (2014) propõe-se a restringir sua crítica, dentre outras coisas, pelo estabelecimento de parâmetros conceituais. Por essa razão, não rejeita a ênfase nos meios de comunicação, apesar de se opor às justificativas de Martino:

Martino deseja, em resumo, algo simples e razoável, que a pesquisa em comunicação, entre os que fazem parte administrativamente dos setores acadêmicos agrupados com o rótulo, se reduza a estudos de mídia (Martino, 2001a). Acreditamos estar de acordo com ele, quando subscrevemos a tese de que, em vez de comunicação, o tema mais central de nossos estudos são os fenômenos de mídia (Merrin, 2014, p. 107-115). Sua ingenuidade ou ilusão consiste em pensar que isto, entretanto, baste para justificar uma epistemologia e, assim, fundar uma nova ciência. A origem do pecado é o culto fetichista da palavra “comunicação”, lançada onde deveriam aparecer os termos mídia e estudos de mídia (RÜDIGER, 2014, p. 402).

Para o autor (2014), a incoerência de Martino está em localizar disciplinarmente os meios de comunicação a partir de um debate epistemológico. Rüdiger (2014, p. 403) advoga que, ainda que todo trabalho científico abarque tal preocupação, “[...] só tem necessidade desde o ponto de vista de quem analisa filosoficamente a atividade científica. O pesquisador mesmo pode desconhecê-la, sem que isso importe necessariamente em prejuízo. A falta pode ou não acarretá-lo, porque, como tal, aquele primeiro está, em essência, engajado noutro tipo de tarefa” (RÜDIGER, 2014, p. 403).

A importância da objeção de Rüdiger (2014) está na sua distinção entre os trabalhos teórico e epistemológico, na medida em que é o primeiro, e não o segundo, responsável pela elaboração conceitual que deveria separar toda e qualquer comunicação (vista sob inúmeras angulações, de diferentes domínios), daquela relativa aos meios de comunicação. Sua contrapartida é de que:



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

As teorias da comunicação que dispomos não procedem à sistematização da área, no sentido de fazer convergir suas teses e proposições. A pergunta que se deve fazer, porém, é: por que deveriam? O raciocínio precede como se a sistematização, no sentido da confecção de uma “teoria geral” ou da explicitação de um “princípio unitário” fosse não apenas desejável e possível, mas indispensável à sobrevivência acadêmica e intelectual dos estudos de mídia. O fato, no entanto, é que não é assim: o campo acadêmico da comunicação surgiu e vem prosperando à revelia dessa exigência, que pode interessar e ser esperada pela filosofia da ciência, mas não é necessária para ajuizar os resultados de suas pesquisas e, mesmo, manter uma comunidade acadêmica [...] (RÜDIGER, 2014, p. 405).

Portanto, a proposta de Rüdiger (2014, p. 405) retoma ao menos parcialmente o ceticismo, visto que inviabiliza que a crítica séria dos posicionamentos em disputa seja realizada a partir de parâmetros epistemológicos e metodológicos, atribuindo à Martino um segundo equívoco: o de sucumbir “acriticamente à crença no conhecimento científico como única forma legítima de saber [...]”. Sobre isso, por mais de uma vez, Martino é claro em asseverar que o conhecimento científico demanda parâmetros específicos, sem com isso autorizar a conclusão de que apenas a Ciência é legítima.

Por outro lado, Rüdiger (2014, p. 410) também tem razão em sua objeção de que a distinção temática não é um critério epistemológico, mas cabe dizer que é ontológico, com consequências imediatas para o debate orientado pela Epistemologia. Concordando também que a autonomia da Comunicação depende de “[...] que problemas, teorias, métodos e técnicas de pesquisa a separam dos disponíveis nas disciplinas estabelecidas e singularizam a sua”, considera-se justo o argumento de que:

Epistemologia da comunicação, na medida em que pode carregar rigor e propriedade filosófica como expressão, só pode significar estudo analítico, eventualmente histórico dos fundamentos teóricos e metodológicos que estruturam a pesquisa e a produção do conhecimento por parte dos investigadores dos chamados fenômenos de comunicação (mídia, mais frequentemente). Isto é, refere-se à análise das perspectivas teóricas e métodos de estudo dos quais lançam mão os estudiosos dos fenômenos ligados à imprensa, ao rádio, à televisão e a outros meios de comunicação. Confunde-a com a teoria aquele que lhe atribui à tarefa de definir o que é a comunicação enquanto objeto de pesquisa, visto que só aquela pode, legitimamente, construir seu conhecimento (RÜDIGER, 2014, p. 411).

Além disso, também tem razão em sua objeção de que:

Quem quer que se proponha a analisar e debater os feitos e realizações, mas também os problemas e desafios da pesquisa em comunicação (mídia, de fato) fará bem em se dedicar à epistemologia, porque é nesse plano que essas tarefas se colocam. Porém, só o fará bem se não perder contato com o trabalho de investigação efetivamente desenvolvido na área e puser de lado a convicção provinciana de que esta tarefa possui o objetivo doutrinário de provar o caráter de ciência desse campo do conhecimento, através da determinação abstrata e impositiva do que pretende que seja seu objeto (RÜDIGER, 2014, p. 410).



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

Entretanto, como apontado anteriormente, a solução do autor (2014) também implica na prevalência da dimensão extralógica na discussão epistemológica, porque para ele (2014), do contrário, trata-se da defesa da Ciência como único conhecimento legítimo. Então, o trabalho epistemológico restringe-se ao levantamento das produções científicas, cujo parâmetro de demarcação foge aos princípios da Filosofia da Ciência e são exclusivamente pautados pelas práticas dos pesquisadores, aproximando-se das objeções céticas acerca do conhecimento.

Sobre tais objeções, que são prioritariamente respondidas pela reflexão epistemológica, cabe ponderar que:

Uma vez que o debate realismo/antirrealismo diz respeito ao objetivo da ciência, poder-se-ia pensar que seria resolvido simplesmente perguntando aos próprios cientistas. Por que não fazer uma enquete aos cientistas perguntando-lhes sobre os seus objetivos? Mas essa sugestão ignora o problema — toma a expressão “o objetivo da ciência” muito literalmente. Quando perguntamos qual é o objetivo da ciência, não estamos perguntando sobre os objetivos individuais de cada cientista. Ao invés disso, estamos perguntando como melhor dar sentido ao que os cientistas dizem e fazem — como interpretar o empreendimento científico [...] (OKASHA, 2002, p. 60, tradução nossa).

Certamente o estabelecimento das disciplinas de maneira geral e, especificamente, da Comunicação não se encerra em fatores endógenos, isto é, em larga medida tem a ver com condições econômicas e de trabalho nas universidades e, por conseguinte, com o caráter institucional da pesquisa e do ensino. Também se relaciona com questões políticas, dado que governos se envolvem diretamente no contexto em que estão circunscritas as investigações, a prática da pesquisa, os financiamentos e as bolsas de estudo, dentre outros.

O problema é que, mesmo aqueles que sustentam a superioridade da visão sociológica e extralógica (KUHN, 2001; MORIN, 2005 e 2006; PAVIANI, 2008; RÜDIGER, 2014) procuram alicerces que remetam a algum tipo de demarcação que em última instância é ou parece ser lógica.

A Ciência, tomada como um hábito, no que tange aspectos intelectuais, comportamentais, linguísticos e tecnológicos anteriores a qualquer teorização e metodologia leva à ideia de que equívocos científicos são equivalentes à pseudociência. Aqui se trata do hábito subsumindo a provocação intelectual dos problemas, da percepção de que determinada explicação não abrange suficientemente a realidade (LAKATOS; MUSGRAVE, 1979; POPPER, 1979), do alijamento do reconhecimento da falibilidade humana em relação à reflexão e ao conhecimento, já presente na Ciência.

Se não há instrumentos para avaliar as explicações, o cientista é incapaz de compreender se seu exercício o leva ao dogma, ao senso comum ou a pseudociência. Sem qualquer parâmetro objetivo para qualificar sua aproximação da “verdade”, por quais razões são elas as melhores respostas? E antes disso, sob quais condições pode-se



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

dizer que tais posições devem ser abandonadas? A consequência última do cenário tende ao esvaziamento do conhecimento.

Buscando afastamento do ceticismo e observando as relevantes objeções exemplificadas em Rüdiger (2014), chegou-se à posição evidenciada por Luis Mauro de Sá Martino (2013): ainda que o objeto seja a “conversa” (BRAGA, 2011), a raridade da comunicação (MARCONDES FILHO, 2011) ou orientada pela Teoria do Meio (MARTINO, 2000 e 2008), é da alçada teórica (RÜDIGER, 2014) do domínio da Comunicação o escrutínio conceitual de meio de comunicação.

Que é Meio para a Comunicação?

Com o intuito de verificar a utilização do termo “meio de comunicação” por pesquisadores brasileiros, iniciou-se um levantamento em periódicos brasileiros dentro do intervalo de tempo previamente mencionado (janeiro de 2010 a abril de 2015, com Qualis entre A1 e B2). Foram identificadas revistas nacionais com atualização recente, com anais publicados online e contendo foco e escopo relacionado à comunicação, com real possibilidade de definição e discussão dos meios – foram excluídos, portanto, outros periódicos de estrato elevado, mas direcionados a outras áreas das ciências sociais aplicadas, como ciência da informação, linguística, entre outras áreas correlatas.

Por uma questão prática, a busca limitou-se a buscar artigos publicados em sistemas de busca capazes de indexar conteúdos por meio de palavras-chave e data – na prática, o fator determinante acabou sendo a adoção do sistema de gerenciamento *OpenJournal*¹¹.

Dessa forma, 29 periódicos foram selecionados. Dentro destas revistas, foram filtrados artigos que utilizaram, em algum momento, os termos “meio” e/ou “meios”, relacionado ao processo de comunicação (descartou-se outros usos como “mídia”, “TIC”, entre outros). A amplitude de propostas de pesquisa disponíveis dentro deste recorte culminou com um total de 560 artigos. Diante deste volume de textos, uma contribuição realmente significativa só faria sentido diante de uma análise computacional. Nesse contexto, até caberia uma “ontologia da Comunicação”, onde o uso de termos, expressões e autores poderiam fornecer subsídios para verificar se há preocupação em conceituar “meios de comunicação” a partir de uma linha de pensamento – ainda que limitadas às sete tradições identificadas por Robert Craig (1999) ao propor os limites de um “campo da Comunicação”.

Uma outra análise possível tomaria como modelo o trabalho realizado por Steensen e Ahva (2014), que elencaram as palavras-chave publicadas nos periódicos mantidos pela *Taylor & Francis* dedicados à teoria e prática do Jornalismo a partir de 2000. A ideia dos autores era identificar as fronteiras e abordagens mais comuns em pesquisas dentro da prática jornalística, bem como reconhecer visões interdisciplinares e particularidades locais capazes de apontar para a pluralidade de temas.

¹¹ Sistema de gerenciamento de conteúdos específico para a administração de periódicos. Mais em <<https://pkp.sfu.ca/ojs/>>



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

Porém, durante o processo de extração e armazenamento de títulos, resumos e palavras-chave, constatou-se um novo problema: em parte dos artigos obtidos, não existem informações capazes de identificar teorias ou correntes filosóficas capazes de produzir um mapeamento consistente. Em meio a lugares onde a pesquisa se desenvolve, emergem expressões como “Acontecimento”, “Autenticidade”, “Exclusividade”, “Guinada subjetiva”, “Intermídia”, “Notícias sobre a Europa”, “Questões sociais”. Há casos onde, por exemplo, o texto procura relacionar a adoção de dispositivos móveis como parte do contexto comunicacional contemporâneo, especulando sobre uma expectativa de mudança na relação entre agricultores e informações relacionadas ao meio ambiente. As palavras-chave escolhidas para indexação deste artigo, no entanto, foram: “comunicação rural”, “agricultura familiar” e “desenvolvimento sustentável”.

O artigo *Mapeamento bibliográfico de pesquisas sobre o fenômeno de presença e representação social de indivíduos afrodescendentes em meios de comunicação social no Brasil* é um outro exemplo onde não está claro o critério para a escolha das palavras-chave. Com foco em publicidade e propaganda e em uma discussão bibliográfica sobre estereótipos da etnia negra, as palavras-chave “Afrodescendentes”, “Bibliometria” e “Diversidade étnica” foram escolhidas ao lado de “Meios de comunicação social”. Para efeito de análise, apenas uma leitura atenta é capaz de mostrar o esforço dos autores na busca de uma definição.

Em termos conceituais, inicialmente, observa-se que Pereira (1981) divide os meios de comunicação social em três categorias: 1. meios de comunicação de massa como rádio, televisão e imprensa; 2. literatura e 3. artes performáticas como música, teatro, cinema, entre outras. Analogamente, Lima (1995) considera os meios de comunicação social como sendo compostos por: 1. mídia impressa; 2. rádio; 3. televisão; 4. propaganda e 5. artes. Complementarmente, Kolbe; Burnett (1991) salientam que a amplitude das formas de comunicação social existentes na área de marketing de consumo é grande e envolvem publicidade em meios eletrônicos, materiais impressos em diferentes suportes e variadas formas de comunicação verbais e não-verbais. (TRINDADE E CAMPANARIO, 2013, p. 49)

Constata-se, além dos obstáculos polissêmicos, a ausência de algum parâmetro na relação entre meio e teoria. Há situações em que o referencial é evidente, mas ao mesmo tempo a ideia por trás de “meio” não aparece, dando a entender que a definição é óbvia ou desnecessária: objetos como “filme”, “televisão” ou “site” são usados como sinônimos de “meios”. A propósito, ao tecer uma relação entre as ideias de Walter Benjamin e Bruno Latour, Erick Felinto (2012) reforça a necessidade em aprofundar discussões sobre o conceito de meio, “e isso não obstante o fato de meio ser insistentemente tratado como uma noção que carece de maiores explicitações” .

Em um trabalho sobre representações do Brasil no jornal *The Guardian*, o artigo posiciona-se claramente: “este estudo enquadra-se na matriz teórico-metodológica dos estudos culturais britânicos”. A palavra “meios”, no entanto, só aparece uma vez, como sinônimo do veículo pesquisado ao diferenciar a versão impressa da digital como “distintos de circulação de conteúdo, mas integrados”. Em outro, que tem como objetivo



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

apresentar o estado da arte dos estudos culturais, defende não apenas novos estudos interdisciplinares envolvendo comunicação, artes e inovação; como também aponta para a necessidade de uma "ciência da cultura".

Seguindo a mesma observação por amostragem, percebem-se algumas lacunas. É o caso de um trabalho cujo título anuncia um desenvolvimento ontológico a partir de vídeos produzidos por usuários e potencialmente distribuídos por "meios de comunicação de massa", entendidos como uma estrutura forte capaz de embutir "[...] os valores do mundo ocidental-moderno-capitalista do qual são produto". Enquanto o raciocínio procura associar este mosaico de imagens ao que chama de "construção do real", não há qualquer menção ao que significa, entre outros termos, "investigação ontológica". Enfim, a influência do pensamento latino-americano, pautado por uma visão política e econômica, tem presença invariável entre os artigos - como no artigo que discute a hegemonia da revista *Veja* no mercado editorial.

As preocupações oriundas da evolução tecnológica e consequentes alterações dos meios, visões que remetem ao pensamento de McLuhan, também são frequentes. Como em um trabalho que discutiu a forma como a morte de Osama Bin-Laden, em 2011, é lugar de fenômenos como a "narrativa transmidiática" (quando a história é contada por meio de distintas plataformas) ou o processo de remediação (quando mídias proporcionam novas apropriações ao se renovarem).

Esta mirada tecnológica chama a atenção de Mattos e Villaça (2012, p. 203), que entendem que estas novas perspectivas estão "deslocando o foco excessivo nos meios e dispositivos técnicos para o estudo dos processos interacionais". Este cenário autoriza o pesquisador a realizar "metapesquisas que possibilitem maior sistematização e autorreflexão sobre os aportes teóricos e metodológicos" em relação a temas como "interação midiaticizada" e, conseqüentemente, reunir "capital comunicacional", referindo-se a um saber científico acumulado, flexível o suficiente para enfrentar mudanças de paradigmas mas sem perder sua especificidade epistemológica". Ainda segundo os autores (2012, p. 206), "essa acepção remete também a uma visão bastante ampla da comunicação como área de conhecimento, marcada pela perspectiva interdisciplinar que advoga a impossibilidade de se construir uma ciência da comunicação, por ser considerada espaço de encruzilhada entre as disciplinas das ciências sociais e humanas".

Ainda que em quantidade reduzida em comparação com a profusão de trabalhos recuperados, a amostra observada identifica pesquisadores que apresentam dilemas epistemológicos e propõem discussões. Em *Epistemologia da Comunicação na Democracia*, Luiz Signates (2012) fala da "invisibilidade" da comunicação e sugere o desenvolvimento de um pensamento centralizador, utilizando meios de comunicação como instrumento de política pública e tendo a aproximação das ciências políticas como pano de fundo. Já Dênis Renó (2014) sugere em um ensaio, a experimentação de teorias e a construção de resultados consolidados em comunicação por meio dos chamados "laboratórios de mídia" (ou *MediaLab*), potencializando pesquisas contemporâneas sobre novos meios e obter real credibilidade. Uma síntese das dificuldades em delinear



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

as bordas da Comunicação pode ser interpretada a partir da visão do colombiano Osorio Vargas, ao se referir à pesquisa em Jornalismo.

[...] Infelizmente, não nos integramos, não nos conhecemos. Se nos perguntam na América Latina por Truman Capote ou Otto Groth, com segurança até os alunos mais jovens sabem quem são. Entretanto, se perguntamos a esses mesmos estudantes de jornalismo hispanoamericanos se sabem quem é Adelmo Genro Filho, poucos saberão. (OSORIO VARGAS, 2013)

Considerações Finais

Mesmo diante de uma amostragem reduzida, a relação entre trabalhos publicados por periódicos brasileiros e sua articulação teórica ilustra a carência de elementos científicos capazes de conceituar um meio de comunicação, bem como quais critérios foram usados para justificá-los. Independente da abordagem, entende-se que o meio de comunicação é uma noção que demanda atenção prioritária no posicionamento da Comunicação como Ciência.

Fica evidente, para um trabalho futuro, a aplicação de mecanismos presentes na Ciência da Informação, Ciência da Computação e Terminologia. Em meio a um grande volume de teorias, palavras e apropriações, ferramentas capazes de representar um domínio e conectar núcleos comuns podem ser úteis no permanente aprofundamento consistente na pesquisa em Comunicação.



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

REFERÊNCIAS

- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**, Unisinos, São Leopoldo, v. 25, p. 62-77, 2011.
- BRYANT, Jennings; MIRON, Dorina. Theory and research in mass communication. **Journal of Communication**, vol. 54, dez./2004, p. 662-704.
- CRAIG, Robert T. **Communication Theory as a Field**. *Communication Theory*, v. 9, n. 2, p. 119-161, 1999.
- FELINTO, Erick. **Meio, mediação, agência**: a descoberta dos objetos em Walter Benjamin e Bruno Latour. *Revista E-compós*, v.16, n.1, jan./abr. 2013.
- GIRARDI JUNIOR., Liráucio. Trocas simbólicas no ciberespaço e os processos de construção de esferas públicas interconectadas. In: MARQUES, Ângela; COSTA, Caio Túlio; COELHO, Cláudio Novaes Pinto, et alli. **Esfera Pública, Redes e Jornalismo**. E-papers: Rio de Janeiro, 2009
- KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectivas, 2001.
- LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan. **A Crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1979.
- LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. **Intersecções possíveis**: tecnologia, comunicação e ciência cognitiva. *Comunicação & Sociedade*, v. 34, n. 2, p. 93-119, 2013.
- MARCONDES FILHO, Ciro J. R. Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e submissão política. Uma discussão com José Luiz Braga. **Matrizes**, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 5, p. 169-178, 2011.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. Trilhas da investigação epistemológica: o GT de Epistemologia da Comunicação da Compós. **XXIII Encontro Anual da Compós**, Pará, p. 1-16, 27 a 30 de maio de 2014.
- MARTINO, Luiz Cláudio. Contribuições para o estudo dos meios de comunicação. **Famecos**, Porto Alegre, n.13, p. 103-114, dez. 2000.
- _____. Pensamento comunicacional canadense: as contribuições de Innis e McLuhan. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 5, n. 14, p. 123-148, nov. 2008.
- MARTINO, Luiz Cláudio; BOAVENTURA, Katrine Tokarski. O Mito da Interdisciplinaridade: história e institucionalização de uma ideologia. **E-compós**, Brasília, v.16, n.1, p. 1-16, jan./abr. 2013.
- MATTOS, Maria Ângela; VILLAÇA, Ricardo Costa. **Aportes para nova visada da metapesquisa em comunicação**. *Comunicação & Sociedade*, n. 57, p. 199-218, jan./jun. 2012.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- OKASHA, Samir. **Philosophy of Science**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2002.
- OSÓRIO VARGAS, Raul Hernando. **Pesquisa**: compreensão da teoria do jornalismo (contribuições colombianas). *Brazilian Journalism Research*, v. 9, nº 1, 2013
- PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade**: conceitos e distinções. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

- POPPER, Karl Raimund. **Conjecturas e refutações**. Coimbra: Almedina, 2003.
- _____. **A lógica da pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- RENÓ, Denis. **Pesquisa aplicada em comunicação: uma tendência necessária**. Comunicação & Sociedade, v. 36, n. 1, p. 7-30, jul./dez. 2014.
- RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Introdução à Teoria da Comunicação**. São Paulo: Edicon, 1998.
- SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios: a Ciência vista como uma vela no escuro**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- SIGNATES, Luiz. **Epistemologia da Comunicação na Democracia: a centralidade do conceito de comunicação na análise dos processos políticos**. Revista Novos Olhares Vol.1 N.1, 2012
- STEENSEN, Steen; AHVA, Laura. **Theories of Journalism in a Digital Age: An exploration an introduction**. Journalism Practice, v. 9, n. 1, p. 18, 2014.
- TRINDADE, Luiz Valério de Paula; CAMPANARIO, Claudia Rosa Acevedo. **Mapeamento bibliográfico de pesquisas sobre o fenômeno de presença e representação social de indivíduos afrodescendentes em meios de comunicação social no Brasil: 1965-2011**. Revista Alceu, v. 14 - n.27, jul./dez. 2013, pp. 48 a 65.



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

Communication and Science: Medium definition as an element for domain distinction

Abstract: What are the theories that scientifically support the Communication? What are the parameters that include (or exclude) a Theory in the field of communication? How a Communication Theory is explained "medium"? This paper intends to point out directions from the conceptual articulation of exercise based on specific procedures that guided the development of science. Based on a discussion of a possible definition of the term "media", the text demonstrates the importance of conceptual consistency from a sample analysis taking into account some studies and research in communication.

Keywords: communication; science; epistemology; Media.

Comunicación y Ciencia: definición Medio como elemento de distinción de dominio

Resumen: ¿Cuáles son las teorías que sustentan científicamente la comunicación? ¿Cuáles son los parámetros que incluyen (o excluyen a) una teoría en el campo de la comunicación? ¿Cómo una Teoría de la Comunicación se explica "medios de comunicación"? Este trabajo tiene la intención de señalar las direcciones de la articulación conceptual de ejercicio basado en procedimientos específicos que guiaron el desarrollo de la ciencia. Sobre la base de una discusión de una posible definición del término "medios de comunicación", el texto demuestra la importancia de la coherencia conceptual de un análisis de la muestra teniendo en cuenta algunos estudios y la investigación en Comunicación.

Palabras clave: comunicación; ciencia; epistemología; medios de comunicación.